



Gustavo Victorino

Preço real

O cantor goiano Amado Batista perdeu a paciência com as gravadoras e literalmente partiu para dentro do mercado e fez a casa cair. Ao decidir criar sua própria empresa, a AB Music, ele assumiu toda a tarefa de editar, gravar, distribuir e promover o seu trabalho. Descobriu o ovo de Colombo. Seu primeiro disco pela nova gravadora ("Perdido de Amor") saiu com as primeiras 200 mil cópias já vendidas. Entusiasmado, lançou o DVD, que também teve as primeiras 100 mil cópias vendidas antecipadamente. Considerando que atualmente números assim são raros, o artista resolveu pesquisar a razão do surpreendente sucesso da empreitada. Não precisou procurar muito. O CD é vendido nas lojas a 10 reais e o DVD a 18 reais. Preços justos e adequados ao mercado. Há alguns anos o guitarrista paulista Sidney Carvalho me disse que fazia tudo e vendia seus CDs a 10 reais com

um lucro bem razoável. Mas tem gente que ainda imagina CD vendido a 30 reais. E a pirataria adora.

Brasil na cabeça

Na lista dos dez discos mais vendidos no país, no primeiro semestre, nove são de artistas nacionais. A baiana e dublê de professora de aeróbica, Ivete Sangalo, continua no topo, seguida pelas "melequentas" trilhas de novelas e os inevitáveis "sertanejos". Pelo menos é ruindade nacional. Como consolo, a ausência de rappers americanos, funkeiros cariocas e o hip-hop favela.

Virgens

Um musical com estréia prevista para esse mês em Nova York vai dar o que falar. A peça "My first time" (Minha primeira vez) fala de iniciação sexual e tem uma campanha agressiva de lançamento na Broadway. Por decisão dos produtores e apesar de proibida para menores de 16 anos, o espetáculo é gratuito para virgens. O "teste" é feito por um hipnotizador chamado Stephen Black que em 5 minutos descobre se o disputado ingresso será concedido ou não. Fico imaginando esse espetáculo com a mesma promoção por aqui.

Sumiço

Na maioria das lojas de instrumentos, as guitarras acima de três mil dólares tomaram um chá de sumiço. Os

lojistas perceberam que imobilizar essa grana em instrumentos de venda cada vez mais rara é péssimo negócio. Diante de um pedido de consumidor, encomendam diretamente ao importador com base no estoque lá existente. Perdem todos, do importador ao consumidor. Esse último por não poder testar o instrumento ou fazer uma opção diante de alternativas disponíveis. E o pior de tudo, é que isso é indicativo de que a muamba desse tipo de equipamento voltou.

Bola fora

Os geniais Liminha e Arnaldo Antunes que me perdoem, mas que coisa ruinzinha a música do Pan. Até compositor de pagode sabe fazer refrão melhor e mais pegajoso como um tema de eventos como esse exige. O minimalismo do ex-titã e a sensibilidade pop do ex-mutante não produziram uma boa química e gerou algo condenado ao esquecimento.

Jabá amigo

Com a pindaíba das gravadoras, o jabá oficial parece ter o seu fim próximo. Com isso, aflora o mini jabá, que consiste em pequenas gorjetas de 2 ou 3 mil reais para produtores encaixarem músicas ou artistas em programas televisivos ou programação de FMs. Os donos das emissoras não enxergam a cor do dinheiro. Diretores ou gerentes, às vezes. No sul, o dono da rede líder de audiência em FMs evita isso

supervisionando pessoalmente a programação e não aceitando palpites ou sugestões de interessados.

Socorro

O que eu temia pode acontecer. O Brasil está para ser incluído na turnê de retorno das Spice Girls. Um grupo de empresários está se alavancando na queda do dólar para tentar trazer as peruas ao Brasil. Alguém deveria recorrer à Justiça. A tortura é proibida em nosso país.

Visual

Embalados pela campanha publicitária da Nissan, a moda “tiozão” parece ter tirado muita gente do sério. Nos bares e pubs da moda já é comum encontrar cinquentões com calças justas, carros esportivos e cabelos compridos (os que ainda têm esse acessório). A maioria perdeu o senso de ridículo. Mas algumas meninas adoram seus cartões de crédito.

Pingos nos “is”

Essa história de tocador de disco ficar se autodenominando produtor musical é uma ofensa a uma atividade profissional de alta complexidade e séria. Dar palpites com base na *chuto-metria* ou mixar músicas eletrônicas geradas em computador (normalmente feitas por músicos de verdade) não dá esse título a ninguém. Tem boboca pilotando carrapeta e brincando em

computador doméstico que se intitula “produtor musical”. O pior de tudo é que tem gente que acredita, e alguns até pagam o mico de contratar essa enganação. Gente como Liminha, Rildo Hora, Ticiano Paludo, João Marcelo Bôscoli e outros, levaram anos estudando, pesquisando e aprendendo sobre uma atividade fundamental para a criação de um bom trabalho musical. Duro é aturar DJ se intitulando assim, como se mixar discos em festa ou samplear trilhas prontas fosse produzir alguma coisa.

Perguntinha recorrente

Por que os fabricantes de teclados insistem em colocar os jurássicos drives de disquete nos lançamentos e omitir as modernas portas USB 2.0? Não bastasse isso, o uso de memória flash de 2 ou 3 *megas* é quase risível em tempos de *gigas*. Será que a tecnologia de comunicação e armazenamento da informática não é “percebida” pelos gigantes dos teclados? Recusome a acreditar que seja incompetência ou maquiavelismo mercadológico.

Dos e-mails

“Aqui no nordeste é comum a semelhança entre músicas fazer a gente pensar em plágio. Tem forró muito ruim e parecido uns com os outros. E os direitos autorais?” (Agenor Souza – Recife PE)

Esse problema não atinge apenas o nordeste. Alguns pagodes **muderninhos** são

de tamanha pobreza melódica que por vezes fica difícil identificar que música está tocando. Não fosse pela letra, daria para colocar tudo no mesmo saco. Mas a ruindade é a mesma com ou sem letra. E ninguém reclama direitos sobre ruindade.

“Não existem mais programas musicais na TV aberta. Tudo o que passa é cantor dublando disco. Para ver alguma coisa musical precisa ter TV a cabo” (Silas Mardowsky – Osasco SP)

Essa constatação é triste, mas verdadeira. Com exceção das TVs públicas (quem diria!), a programação das emissoras abertas ignorou a música e prioriza os shows de auditório onde raramente se foge da mesmice da chamada música popular. Programas musicais não existem mais e mesmo quem tem TV a cabo, precisa procurar para encontrar algo interessante. Com isso perdem a música e a cultura brasileira.

“Por que não lançam discos em MP3 e mais músicas no mesmo produto?” (Alberto Magalhães – Belo Horizonte MG)

Sua pergunta ecoa há algum tempo nas salas dos executivos das gravadoras e na cabeça dos artistas. Afinal, a maioria deles reclama da dificuldade em deixar essa ou aquela música fora do disco por falta de espaço. Mas o aspecto técnico precisa ser avaliado. A compactação em MP3, por mais avançada e cuidadosa que seja inevitavelmente tira qualidade do produto. E players de MP3 com mídia ainda não são tão populares assim.